

Ao jornalista **OTAVIO DIAS**, Folha de São Paulo, **FAX nº 224-3275**

Prezado Otávio,

Aqui vai o artigo para a coluna "Opinião Econômica". Espero que o tamanho esteja dentro dos limites. Qualquer problema, posso ser encontrado pelos tels: 818-5883(trab) e 813-9497(resid). Forte abraço, J.Eli.

## SALTO TÉTRICO

José Eli da Veiga

Foi de arrepiar o aumento da carestia alimentar provocado pela passagem da URV para o Real. É o que mostra a comparação entre o custo da alimentação e o custo de vida global. Como indica o gráfico, a evolução dos preços relativos dos alimentos superou a marca dos 50% na primeira quadrisemana de Julho, sendo que vinha registrando um movimento cíclico com variações sempre inferiores a 20%.

A desaceleração constatada na terceira quadrisemana de julho, na qual a comida subiu 34% mais que o custo de vida, permite pensar que se trata de uma explosão passageira. Mas é difícil acreditar que a próxima fase descendente do ciclo compense elevações tão acentuadas. Quando os alimentos voltarem a subir menos que o conjunto dos bens de consumo - o que provavelmente só ocorrerá no início de 1995 - não o farão em proporções equivalentes às registradas na virada de junho para julho. Ou seja, a resultante será a manutenção da histórica tendência altista dos alimentos.

É muito sério, pois num país no qual a esmagadora maioria das famílias sobrevive com o equivalente a alguns poucos salários mínimos, a redução dos preços alimentares deveria ser vista como prioridade das prioridades. A maioria dos trabalhadores gasta metade de sua renda na aquisição de alimentos, enquanto esse tipo de despesa não chega a representar fração significativa dos orçamentos familiares das classes médias e altas

Ou seja, qualquer variação do preço relativo da comida tem um profundo impacto na renda real dos desvalidos, deixando de provocar, simultaneamente, qualquer efeito significativo na renda real dos abastados.

Exatamente o inverso do que ocorre com bens duráveis, que estão ficando mais baratos com a abertura das importações.

Quando os preços alimentares aumentam menos que os preços do conjunto dos bens de consumo, o custo de vida dos pobres diminui, sem que isto produza qualquer alteração significativa no custo de vida dos ricos. A renda é distribuída pelo aumento real dos mais baixos salários. Da mesma forma, quando os preços dos eletrônicos, por exemplo, sobem menos que os preços dos bens de salário, o custo de vida dos ricos diminui, sem que isto chegue a alterar o custo de vida do povão. A renda é concentrada pelos ganhos reais dos que auferem altos rendimentos.

Este é, sem dúvida, o lado mais perverso do atual esforço de estabilização monetária. Era perfeitamente previsível que os preços relativos dos alimentos voltassem a subir na virada do semestre, mesmo que a entrada do Real não provocasse crescimento do consumo de alimentos (ver *Informações FIPE* nº 165, junho de 1994, pp.7-8). O que não dava para imaginar é que o salto seria tão tétrico.

**José Eli da Veiga,**  
46, doutor em economia pela Universidade de Paris I, é professor da Faculdade de Economia (FEA) e orientador do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental (PROCAM), ambos da Universidade de São Paulo.

### FORTES AUMENTOS DO CUSTO RELATIVO DA ALIMENTAÇÃO

Entre Julho 1993 e Julho 1994

PERÍODOS	ALIMENT.	IPC	DISPARIDADE
Setembro 93, 1ª quadris.	37,6	33,9	<b>10,9</b>
Janeiro 94, 1ª quadris.	46,5	40,4	<b>15,2</b>
Março 94, 3ª quadris.	48,1	41,3	<b>16,5</b>
Julho 94, 1ª quadris.	7,9	5,2	<b>52,5</b>
Julho 94, 2ª quadris.	8,5	5,8	<b>46,9</b>
Julho 94, 3ª quadris.	8,5	6,4	<b>33,7</b>

Fonte: Índice de Preços ao Consumidor (Custo de Vida) FIPE-USP